

Editorial



A temática “Museus para a Harmonia Social” foi a escolhida, pelo ICOM, para comemorar em 2010 o Dia Internacional dos Museus. Acreditamos que diversas acções do Museu de Palmela, espelhadas neste boletim, contribuem para uma prática museológica que tem subjacente, em permanência, conceitos e valores geradores de Harmonia Social. Trabalhar com a comunidade e com organismos e investigadores, de várias áreas, que podem devolver às pessoas que vivem no nosso concelho, e que o visitam, marcas da(s) Memória(s) e da História locais para que o Futuro - em construção - seja mais profícuo, mais seguro, são formas de desenvolver o respeito pelo Outro, pelas diferenças, pela criatividade, pelo pluralismo.

Damos destaque, no presente **+museu**, a uma das grandes obras realizadas no plano cultural nos anos 2009-10: a reabertura do Cine-Teatro São João, após uma intervenção que dotou o equipamento de maior segurança, conforto e qualidade para todos quantos dele usufruem. Inaugurado em 1952, é um marco na história cultural da vila e do concelho, e tem também grande prestígio patrimonial. Classificado como Imóvel de Interesse Municipal, este edifício tem merecido a atenção de investigadores, caso do estudo, que aqui se publica, dedicado aos estuques do imóvel.

Integrado na rede de equipamentos do concelho de Palmela, o Cine-Teatro é pólo de encontro e vivência cultural quotidiana; um espaço aberto ao desenvolvimento e fruição cultural para o Concelho de Palmela, e hoje tem também patente uma exposição de longa duração - **Cine-Teatro São João: Arte e Memória** -, na qual se revivem momentos e pessoas determinantes para o sucesso desta casa.

No ano em que o investimento financeiro no Centro Histórico da vila de Palmela produz já visíveis efeitos, fruto da aprovação da candidatura ao QREN com o projecto de **Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela**, neste **+museu** destaca-se também um trabalho de um jovem investigador que dedicou algum do seu tempo à paisagem urbana dos finais da Idade Média, dando-nos um retrato do que a vila seria nesses tempos; este trabalho enquadra-se na lógica de investigação do projecto que subjaz à exposição **Património(s) - Centro Histórico de Palmela**, patente no Castelo até início de Setembro.

Nos **bastidores** do trabalho em curso, quer por parte do Museu Municipal, quer pelo Serviço de Arqueologia, prestamos neste número contas acerca de dois projectos. Um destina-se a definir com maior precisão, e com informação recolhida junto da Comunidade, um projecto museológico para a vila e freguesia de Pinhal Novo, através da aplicação de um Inquérito à população - com recurso a uma metodologia interdisciplinar -, que contou com o apoio do movimento associativo, ao qual agradecemos a disponibilidade. Outro, diz respeito à realização de trabalhos de prospecção geofísica no Monumento Nacional **Grutas Artificiais de Quinta do Anjo**, o qual se insere numa estratégia global de elaboração do Plano de Pormenor dos Bancelos.

Acerca da investigação realizada, no âmbito do projecto Arquivo de Fontes Orais, damos destaque neste boletim a uma tradição considerada a mais antiga festa do concelho de Palmela: a Festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição da Escudeira; ficam neste boletim publicadas dois registos: um sagrado e um profano. Propostas de leitura e de participação em iniciativas quer relacionadas com Ordens Militares, quer com a História do concelho de Palmela, são também aqui apresentadas.

Deixamos-lhe um convite: conheça o nosso Património, usufruindo de uma diversificada oferta cultural !

A Presidente da Câmara


Ana Teresa Vicente

Cine-Teatro S. João, concretização de um sonho

No dia 12 de Abril de 1948 deu entrada no Conselho Técnico da Inspeção-Geral dos Espectáculos o projecto definitivo para a construção do Cine-Teatro São João, da autoria do arquitecto Willy Braun e do engenheiro Pedro Cavalleri Martinho. António Ventura foi o encarregado da obra, os estuques ficaram a cargo de Manuel Marques Dias e a decoração de Malheiro Martins.

A memória descritiva (1949) sublinha a existência de um conjunto edificado vedado que abrange um Cinema e uma Esplanada ao ar livre, esta última localizada de modo a ficar abrigada dos ventos.



O palco do edifício não se destinava a exhibições teatrais, pois estas apenas teriam lugar no palco da Esplanada, concebido especialmente para o efeito. Com lotação para 1010 lugares, o Balcão teria dois camarotes abertos reservados aos representantes das *Autoridades*. O projecto previa 8 camarins com luz e ventilação directas e outros quatro ventilados por clarabóia.

A esplanada, parte determinante deste projecto inicial, previa mais 1050 lugares.

Apesar de várias contrariedades, em 1952 encontrava-se concluída a primeira fase de construção do “Cine-Esplanada São João”, tendo sido solicitadas as vistorias de modo a que a inauguração pudesse ter lugar no dia 19 de Julho desse ano, sem a Esplanada.

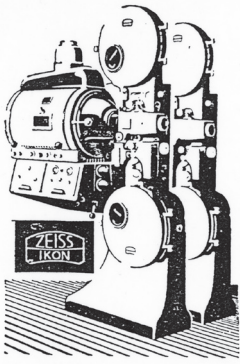
Destaca-se o facto de, não obstante a Esplanada nunca ter sido construída, ser um sonho nunca abandonado pois, em 1963, foi apresentado e novamente aprovado um novo projecto para “cinema ao ar livre”. Entre estas datas, Humberto da Silva Cardoso demonstrou também a intenção de dotar o equipamento com uma piscina e com um ringue de patinagem.

O equipamento cinematográfico

O Cine-Teatro estava equipado uma das cabines de projecção mais completas do país, que incluía maquinaria moderna de projecção luminosa e sonora da marca Zeiss-Ikon, composta por duas ERNEMANN 10 com Ecrã STABLEFORD e Objectivas ANAMORPHOT ZEISS.

A escolha do equipamento resultou de um processo rigoroso, tendo Humberto Cardoso viajado até à Alemanha para observar, em primeira mão, a sua qualidade. Já em Portugal, o equipamento foi adquirido à casa Soler.





Mais um autêntico êxito ZEISS IKON-SOLER, com a instalação do material para Cinemascópio com som óptico, no

CINE TEATRO S. JOÃO, EM PALMELA

que tem uma das cabines mais completas Zeiss Ikon a funcionar desde a s' inauguração, com duas ERNEMANN 10 e conjunto de som também Zeiss, vigias eléctricas, projector de Vistas Fixas, etc.

Com o magnífico écran STABLEFORD, sempre de êxito seguro em luminosidade e perfeição de imagem e Objectivas ANAMORPHOT ZEISS, a perfeição de foco da imagem é notável e facilmente se verifica a superioridade cada dia mais destacada das ANAMORPHOT ZEISS.

Se deseja realmente obter o melhor espectáculo em Cinemascópio, decida-se por material de QUALIDADE: a diferença é evidente, e fácil

A instalação do equipamento, ainda no período prévio à inauguração, ficou a cargo dos técnicos da marca com a supervisão e apoio de Manuel Pereira.

Manuel Pereira, electricista de profissão, assumiu desde logo o cargo de projeccionista principal, função que mantém até aos dias de hoje.

Ao longo destes anos, coube-lhe a importante tarefa de gerir a sala das máquinas, projectar e supervisionar a montagem dos filmes, função executada pelos bobinadores tais como Acácio Monteiro ou Alberto Paciência; Alberto iniciou funções em 1961, e também aqui se manteve até aos dias de hoje.



Manuel Pereira e Acácio Monteiro, década 60 do século XX

Inauguração a 26 de Julho de 1952

A inauguração do Cine-Teatro S. João, prevista e noticiada para ocorrer no dia 16 de Julho de 1952 com a projecção do filme português *A Garça e a Serpente* (1951), foi adiada para o dia 26 do mesmo mês e contou com a projecção do filme *As aventuras de D. Juan* (EUA, 1948) e, no dia seguinte, com a exibição da revista alemã *Que pernas Ela Tem*.



“Palmela tem chamado nesta última quinzena, centenas de setubalenses, que àquela simpática Vila são atraídos pelo “Cine-Teatro São João”, a moderna casa de espectáculos que honra o nosso Distrito.”

Artigo publicado em 1952

A programação da sala de espectáculos era diversificada e constante. Para além das sessões de cinema às Quartas-feiras, Sábados e Domingos, o teatro, os programas de variedades e os espectáculos musicais ocupavam a vida cultural e social da população da vila e arredores.

Rui Cardoso, gestor da casa de espectáculos, deslocava-se a Lisboa, nomeadamente ao Parque Mayer, onde ia assistir aos espectáculos mais importantes da época. Seleccionava os que considerava de melhor qualidade e contratava-os para integrarem a programação do Cine-Teatro.

O maior êxito de bilheteira foi o filme *Sansão e Dalila*, tendo vindo trinta autocarros com público de Setúbal, para as várias sessões que se realizaram consecutivamente durante duas semanas.

Cine Teatro São João
PALMELA

A Gerência desta casa de espetáculos tem o prazer de comunicar aos seus ex.^{mos} Clientes e Amigos, desta Cidade, que a Empresa Transportadora Setubalense, Lda., inicia no próximo dia 31, um «Serviço especial» a Palmela, com direito ao espectáculo de Cinema, — a preço englobado — a saber :

TRANSPORTE DE IDA E VOLTA E BILHETE DE BALÇÃO 11\$00
» » » » » » » » 1.ª PLATEIA.. 10\$00
» » » » » » » » 2.ª » 7\$00

Anuncia ainda :
Para amanhã : «A MORGADINHA DOS CANAVIAIS»
e a «LEI DO MAIS FORTE»
Para Domingo, em matinée e soirée, o grandioso filme :
«LADRÃO DE BICICLETES»
----- em cópia nova a estreiar em Palmela -----

Anúncio de imprensa de 1952 do filme *Ladrão de Bicicletas*

REVEILLON - 1954-55 NO **Cine - Teatro São João - Palmela**

Um grandioso programa apresentado pelas **VOZES DE PORTUGAL**, com um categorizado elenco de interessantes concursos

Largada de desenhos de balões premiados
Bate até de madrugada

Centenas de brindes para distribuir pelos espectadores
Bar bem fornecido

Elenco: António Marques, Elita Vaili, Cito Maria, Marcela Arraújo, Elita Telange, Fernando Alves, Maria Adalgisa, Aldo Melo, Armando Marques, Fernando Correia, Paul Evencio, Eddio Butrin, Eduardo Jaime, Nivaldo Trindade, Salvaggio, João Acácio, Carlos Marques



Cine-Teatro S. João, 4 de Janeiro de 1963.
Da direita para a esquerda: Sérgio Camolas (Acordeão), n/i; José Luís Camolas (Bateria); Lourenço Camolas (Saxofone); n/i.
O primeiro grupo a ser formado, na década de 60, chamava-se “5 CÊS”. Pouco tempo depois, com alguns dos elementos do grupo anterior, surgiram “Os Cinco da Banda Real” que deram lugar, no início da década de 70 ao grupo “Adágio”.

NO
CINE-TEATRO S. JOÃO
PALMELA

Terça-feira, 24 de Maio de 1966 — N.º 21,30 horas

(ADULTOS)
VASCO MORGADO APRESENTA

Laura Alves

A actriz que arrasta multidões
NO MAIS ATREVIDO E DISCUTIDO
espectáculo de todos os tempos
A famosa peça de JACQUES DEVAL

O COMPRADOR DE HORAS

Preços
1.ª Plateia 40\$00
30\$00
20\$00
2.ª Plateia 17\$50
10\$00
Balção 30\$00
20\$00
10\$00

* uma extraordinária Companhia que reúne no seu elenco 2 nomes consagrados
PRIMO REINATO e RUI DE CARVALHO
(POR UM DIA E 1/2 DE ENTRADA EM CENA)

António Montez — Carlos Queiroz — Delfina Cruz
— Carlos J. Teixeira — Rui Mendes — Paulo Renato — Tomas de Macedo — Alma Flora — Helena Vieira — Alda Pinto — Rita Nobre — Rolando Alves — Rui de Carvalho

11 Meses NO Cartaz

Vibrante, emocionante e ousado da 1.ª à última cena !
Se for a LISBOA, vá ao «PORÃO DA NAU», junto ao TEATRO MONUMENTAL

Cabia também às sociedades da vila um papel activo na programação deste Cine-Teatro. A Sociedade Filarmónica Humanitária e a Sociedade Filarmónica Palmelense *Os Loureiros* competiam entre si pelo melhor espectáculo que, de acordo com a memória do público da época, primavam pela qualidade e exuberância. Os *Reveillons* eram também imponentes acontecimentos, e os bailes traziam alegria e calor aos foyers, em ocasiões especiais.

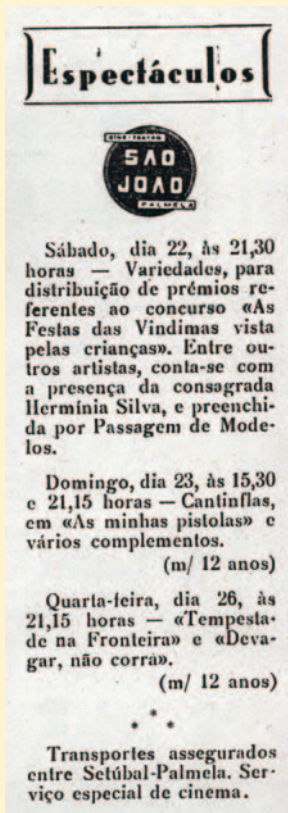
“Os 5 da Banda Real,,

Telef 235 235

PALMELA

Da esquerda para a direita: Sérgio Camolas; José Luís Camolas; Osvaldo Chula; Lourenço Camolas; Pedro Silva

Não obstante a espectacularidade da programação, a partir de 1963 as Festas das Vindimas trouxeram à sala do Cine-Teatro um acontecimento anual memorável: a eleição da Rainha das Vindimas. Não se trata apenas de um concurso de beleza, mas de colocar em cena a capacidade artística da população local num espectáculo que ainda hoje mantém o seu toque de magia.



Cine-Teatro S. João com gestão municipal

Em Outubro de 1964, após o falecimento de Humberto Cardoso, a exploração do Cine-Teatro foi atribuída ao Cine-Variedades Setubalense. Ao longo dessa década, verificou-se um declínio na actividade – talvez associado ao aparecimento da Radiotevisão Portuguesa, em 1956 –, acentuado após a revolução de Abril. O decréscimo de público afectou o Cine-Teatro S. João, tal como outros equipamentos análogos pelo país; em 1981 encerrou.

A Câmara Municipal acreditou nas potencialidades do Cine-Teatro enquanto pólo aglutinador da programação cultural do concelho e tentou evitar o uso do imóvel para fins diferentes daquele para o qual foi criado. Em 1989, o edifício foi comprado pelo município com o objectivo de lhe devolver o seu papel de centro cultural ao serviço da população de Palmela e de reforçar a diversidade da oferta cultural, preservando a memória colectiva da comunidade.

Após pequenas obras, em Outubro de 1991, reabriu ao público com um programa diversificado de iniciativas: cinema, teatro, revista, variedades, dança, exposições, encontros, congressos.





As comemorações dos 50 anos desta casa foram um marco na actividade cultural do município em de 2002; o Cine-Teatro foi classificado em 2005 como Imóvel de Interesse Municipal.



Comemorações dos 50 anos do Cine-Teatro S. João (2002)
Fotografia de Paulo Alexandre

No ano 2009 o edifício esteve encerrado para obras: segurança, conforto e qualidade foram preocupações na intervenção.

Queremos que o São João preste um serviço público de qualidade e promova a democraticidade no acesso à cultura, o respeito pela diversidade estética, a criatividade, a inovação e o conhecimento.

Esse é o caminho que estamos a trilhar. Com o contributo e participação de todos, em especial dos artistas e criadores culturais, o Cine-Teatro São João continuará a ser um equipamento cultural qualificado, polivalente, dinâmico e vivo.

Teresa Sampaio
Técnica Superior de Antropologia
Museu Municipal de Palmela



Recolocação da esfera da torre após a recuperação

Os estuques na decoração de interiores do Cine-Teatro S. João

O estudo e apreciação das artes decorativas sempre constituiu um aspecto de menor atenção, não somente por parte do observador, como dos próprios historiadores da arte que, por muito tempo, desconsideraram estas formas artísticas, encarando-as como um parente pobre das artes. Procurando desmistificar essa opinião, assistimos actualmente a uma feliz inversão nesta tendência, sendo que, paulatinamente, um grupo rigoroso de especialistas começou a dedicar novos estudos a esta temática.

A técnica do estuque, tão presente na decoração dos interiores portugueses foi, igualmente, vítima desse esquecimento, verificando-se hoje esforços para o seu reconhecimento como forma válida de arte *per si* e de suma importância no discurso decorativo de diversos dos mais notáveis monumentos e edifícios nacionais.

É neste contexto que debruçamos o nosso olhar sobre um dos monumentos concelhios de maior destaque e reconhecimento: o cine-teatro S. João.

Inaugurado na década de cinquenta, segundo a visão de Humberto Cardoso e arquitectado por Willy Braun, erguia-se assim a maior sala de espectáculos do concelho, elaborada à semelhança dos grandes edifícios que se conheciam nos pólos de Lisboa e Porto.

A decoração de interiores ficou a cargo de diversos artistas e artesãos dedicados às diferentes expressões plásticas, como a marcenaria, as artes de fogo e o estuque.

Esta última, empreendida por Manuel Marques Dias e pela sua equipa, consistiu na obra mais ambiciosa das suas carreiras, como estucadores contemporâneos a operar na periferia.

Manuel Marques Dias nasceu a 27 de Junho de 1923 na vila de Santa Cruz do Bispo, concelho de Matosinhos. Originário de famílias pouco abastadas, cedo encarou o trabalho como uma necessidade. Terá sido nas suas primeiras incursões laborais, ainda criança, que terá iniciado a sua aprendizagem na técnica do estuque, trabalhando com os oficinais portuenses, reconhecidos na tradição da arte da aplicação desta matéria.



Manuel Marques Dias

Com dezanove anos Manuel Marques Dias deixou a sua terra de origem, rumando para sul ao encontro do irmão mais velho, Domingos Marques Dias que, então, se havia fixado na região de Setúbal, como empresário no ramo da construção civil: esta uma diáspora comumente verificada no Portugal das décadas de quarenta e cinquenta.

Neste distrito veio a tornar-se estucador a título individual, iniciando o seu ofício em obras particulares, alternando as suas composições entre o carácter utilitário e decorativo.

Residente no concelho de Palmela, após o seu matrimónio com Noémia Antunes (daí natural e residente), surgiu o convite que viria a determinar o seu percurso profissional; em 1952 iniciará o programa da decoração dos interiores dos tectos e restantes áreas parietais do cine-teatro S. João, obra essa que, ainda hoje, apesar do restauro e recente remodelação, mantém viva a herança não somente de um artista, mas de um estilo e discurso vincado na arte portuguesa.

Manuel Marques Dias veio a falecer, precocemente, no início da década de oitenta, vítima de queimaduras graves na sequência de um incêndio numa das suas propriedades, nas quais se dedicava, nesse período, à exploração agro-pecuária, terminando assim o seu percurso, mas permanecendo a obra que lhe faz memória.

Decorações cine-teatro S. João

Paradigma do gosto modernista - reflectido numa arquitectura de linhas simples e depuradas - chegavam agora à periferia as tendências artísticas dos grandes pólos culturais portugueses.

Marcadamente num estilo Art Deco, a decoração em estuque inscreve-se por todo o interior do edifício, verificando principal enfoque na ornamentação do tecto da grande sala de espectáculos.

Apresentando uma malha reticulada, constituída por finas molduras ondulantes, quebradas em curva e contra-curva, este tecto dispõe assim um jogo decorativo de medalhões estrelados em estuque, que contém o sistema de iluminação deste espaço.



Também as paredes apresentam este revestimento, sendo ritmicamente trabalhadas em efeitos de caneluras, inspirado nas formas Deco: depuradas, estilizadas, geometrizantes, num diálogo de tons branco e rosa.

Porém este design não se limitou apenas à sala principal. Observamos o efeito ilusório de pilastras decoradas com triglifos nas paredes dos corredores, assim como a ornamentação destes tectos por um grupo de medalhões de dois motivos decorativos: a) circunferências concêntricas, b) folhagens estilizadas tipo godrões. Junto à bilheteira verificamos ainda um efeito notável no tocante ao design das sancas; estas apresentam um esquema de molduras em ângulo recto, finalizadas com frisos denticulados

Revisitando assim esta linguagem decorativa, compreendemos um gosto específico na gramática ornamental de todo o espaço.

Apesar desta constituir uma obra dos inícios dos anos cinquenta, as linhas Art Deco dominam a composição, num discurso inspirado no espírito da década de trinta e nos anos de ouro do cinema, apogeu da expressão deste estilo decorativo.



Apesar de uma obra tardia na sua concepção, é evidente a recorrência a modelos anteriores – reflexo da mobilidade e transmissão condicionada das formas artísticas dos grandes centros para as periferias.



A decoração de interiores do cine-teatro S. João é indubitavelmente um dos legados mais significativos desta forma e estilo artístico na região sul do país, sendo comparável a muitas das grandes obras que ainda hoje encontramos nos principais pólos portugueses.

Assim lançamos o repto, de uma vez mais, ver, rever, admirar e agora entender, com maior rigor, as características artísticas deste edifício/monumento, que desde o seu nascimento expressa uma linguagem particular e de encantamento, não apenas para quem o vive hoje, mas para todas gerações futuras que o procurarão entender como uma referência artística concelhia, distrital, nacional até, no panorama da arte contemporânea portuguesa.

Ana Patrícia Dias
Historiadora de Arte
Investigadora

Referências bibliográficas

Catavento - Agenda de acontecimentos do Concelho de Palmela, nº 27. Câmara Municipal de Palmela, 2002
PEREIRA, Paulo (dir.) - **História da arte portuguesa.**

Vol III, Lisboa: Círculo de Leitores, 1995

SILVA, Jorge Henrique Pais; CALADO, Margarida

- **Dicionário dos Termos de Arte e Arquitectura.**

Lisboa: Editorial Presença, 2004

Resultados dos trabalhos de prospecção geofísica nas grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela

As Grutas Artificiais de Quinta do Anjo foram identificadas no fim do século XIX, durante o período de laboração de uma pedreira para extracção de calcário, acção que provocou a destruição parcial da necrópole. Em 1866, Carlos Ribeiro inicia o reconhecimento científico da região da Arrábida com a que se supunha ser a primeira exploração arqueológica das “Furnas de Palmela”.

Depois da intervenção de Carlos Ribeiro seguiu-se, em 1878, uma segunda campanha desenvolvida por A. Mendes e Agostinho Silva, que descreve a arquitectura do monumento e de cada gruta, as condições da jazida, o principal espólio encontrado e revela informações importantes sobre a realização de intervenções anteriores nos hipogeus 1 e 2, mostrando que Carlos Ribeiro não foi o pioneiro nas intervenções e que os hipogeus 3 e 4, já estavam parcialmente destruídos devido à exploração da pedreira. Numa fase mais tardia da investigação na região, António Marques da Costa retoma as escavações dos referidos hipogeus (ou *Grutas Artificiais*), publicando os resultados das suas intervenções na jazida entre 1903-1910, n’*O Archeologo Português*.

Desde então, a necrópole tem sido estudada por diversos investigadores nacionais e estrangeiros, destacando-se os trabalhos desenvolvidos por Vera Leisner, Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira, em 1961, que compilam toda a informação



Vista geral dos trabalhos

existente na época sobre as diferentes escavações, reunindo todos os materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia e nos Serviços Geológicos de Portugal, publicando-os na monografia “Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme”, permitindo pela primeira vez um registo criterioso do espólio recolhido. Também V. Leisner, com base num pacote de materiais, oferecidos ao Museu Nacional de Arqueologia (supõe-se que se trate de uma doação do Duque de Palmela), colocou a hipótese das primeiras explorações terem sido realizadas por Nery Delgado e Pereira da Costa.

A colecção de Manuel Heleno, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, foi reunida e publicada em 1977, por M. Horta Pereira e T. Bubner, desta colecção destacamos a taça campaniforme “*tipo Palmela*” decorada com cervídeos.

A entrada na década de 70 traz uma nova dinâmica à investigação deste monumento milenar, através de uma nova geração de arqueólogos, como Carlos

Tavares da Silva e Joaquina Soares, revelando dados importantes para o conhecimento do povoamento antigo da região e sobretudo, porque oferecem alguns elementos importantes para a compreensão deste monumento funerário. Em 2003, Joaquina Soares publica um estudo monográfico de antigas colecções, como por exemplo, o espólio recuperado por Marques da Costa (Soares, 2003).

As Grutas Artificiais de Quinta do Anjo são o único espaço de morte sistematicamente estudado no concelho de Palmela. Esta necrópole é composta por quatro grutas artificiais escavadas no calcário brando da Arrábida e foi construída durante o Neolítico Final, continuando a ser utilizada como espaço de morte até ao Bronze Inicial. As grutas apresentam topo aplanado, câmara sub-circular dotada de abóbada com clarabóia superior central, antecâmara de planta ovalada e corredor estreito com sentido descendente para a entrada da câmara.

Desde 2001, que a Câmara Municipal de Palmela está a con-

ceber um programa global de intervenção para valorizar este imponente monumento. Numa 1ª fase, adquiriu os terrenos onde estão instalados os sepulcros, perspectivando-se futuramente, a instalação, em local próximo, de um centro de interpretação da jazida arqueológica e da área envolvente, permitindo a garantia da plena compreensão e fruição pública deste monumento nacional, classificado em 1934.

No âmbito da elaboração do Plano de Pormenor dos Baceiros e do projecto de Salvaguarda e Valorização do Monumento Nacional “Grutas Artificiais de Quinta do Anjo”, concluiu-se que seria necessário proceder-se à realização de prospecções geofísicas a desenvolver na área do monumento e nas áreas adjacentes, com o intuito de perceber qual o potencial arqueológico de toda a envolvente, da presença de mais grutas e se seria possível identificar outro tipo de vestígios de ocupação antrópica relacionáveis com o monumento funerário.

Os trabalhos iniciaram-se com o reconhecimento da área a intervir e a respectiva delimitação. Após estes trabalhos preparatórios procedeu-se à recolha de vários tipos de objectos no interior da área delimitada que poderiam causar interferências ou dificultar a leitura do sinal (metais, vidro, cerâmica de construção, lixos vários).

A prospecção geofísica começou com a utilização de métodos combinados electromagnéticos em toda a área alvo de estudo, para posterior processamento de dados de maneira a delimitar áreas com potencialidade arqueológica.

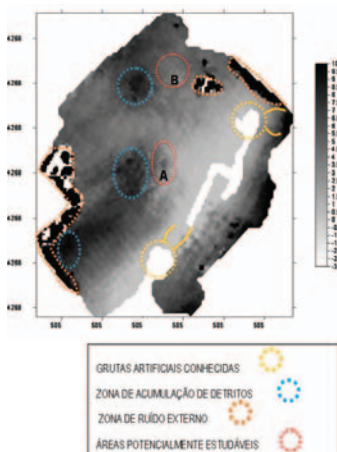
Após este processo selecciona-

ram-se áreas prioritárias onde se executaram trabalhos de prospecção magnética e posteriormente perfis de geo-radar.



Pormenor dos trabalhos com Geo-radar.

Os resultados obtidos indiciam a possibilidade de existência de vestígios antrópicos na área analisada, que poderão corresponder a pelo menos duas novas ocorrências de natureza artificial desconhecidas, que apresentam uma estruturação similar às existentes no local.



Planta Arqueo-geofísica

Apesar dos hipogeus serem sistematicamente estudados, o facto de terem sido escavados, no final do séc. XIX e inícios do séc. XX, com uma metodologia científica pouco rigorosa, condicionou largamente o conhecimento que actualmente, possuímos do monumento. Trata-se de um monumento de natureza funerária, com características muito peculiares e com uma larga diacronia de ocupação, desde o Neolítico Final (final do 4º milénio a.C.) até ao Bronze Antigo (inícios do 2º milénio a.C.), factores estes que suscitam inúmeras questões que podem finalmente ser solucionadas, à luz das técnicas e métodos científicos actuais, com a continuação da investigação e o estudo multidisciplinar do monumento.

Bibliografia

- . COSTA, A. I. Marques da (1902-1910) – **Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Grutas Sepulchrais da Quinta do Anjo.** O Archeólogo Português, VII-XV.
- . FERREIRA, O. da V. (1966) – **La Culture du Vase Campaniforme au Portugal.** Memória, 12, N.S., Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal
- . LEISNER, V. (1965) – **Die Megalithgräber der Iberishn Halbinsel.** Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter & CO.
- . LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1961) – **Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme.** Memória, 8, N.S., Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- . SANTOS, M. (2005) – “A necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo: breve resenha historiográfica”, + **museu**, Boletim do Museu Municipal de Palmela, n.º 4, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 10-12.
- . SANTOS, M. (2008) – **Grutas Artificiais de Quinta do Anjo.** Roteiro da exposição: Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 27-29.
- . SOARES, J. (2003) – **Os Hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico.** Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Miguel Serra

Arqueólogo, Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.

Michelle Teixeira Santos

Arqueóloga, Câmara Municipal de Palmela

Oscar López Jiménez

Arqueólogo, GIPSIA, SL

em investigação...

Aspectos da Paisagem Urbana de Palmela nos Finais da Idade Média *

A Palmela urbana dos finais da Idade Média encontrava-se fortemente marcada pelo vínculo à Ordem de Santiago que aí tinha a sua sede. Este poder, para além de se impor ao nível da administração, economia e mesmo a uma escala social sobre o espaço da comenda, exerceu também o seu estatuto de senhorio para demarcar o espaço físico da mesma, seja ele rural ou, como é o caso do que aqui nos ocupamos, urbano. Referimo-nos a espaços de sociabilidade por excelência como são os adros das paroquiais, ou mesmo as adegas e lagares, locais de romaria obrigatória para a transformação da matéria-prima agrícola, ou, por outro lado, o próprio convento dos freires onde algumas das obrigações dos subordinados da Ordem teriam que ser vencidas. Erguendo-se do alto de um morro, Palmela tinha um domínio visual sobre toda a zona interestuarina delimitada pelos rios Tejo e Sado. De acordo com a cronologia em estudo, era no seu Castelo, aí situado, que se encontravam o Convento e a Igreja de Santiago, bem como a primeira paroquial da vila, a Igreja de Santa Maria; na zona fronteira a esta localizar-se-ia um cemitério, localização comum em face de uma igreja. A cartografia antiga mostra-nos que tendeu a deslo-



Planta da Vila de Palmela, 1806. Arquivo Histórico Militar

car-se para a periferia do Castelo, na sua vertente Oeste, mercê do progressivo abandono da zona alta da vila.

Descendo o cerro do castelo, para Norte, chegamos ao antigo Bairro do Arrabalde. Este espaço, demarcado pelos Paços do Concelho por um lado, pela Igreja e adro de S. Pedro por outro, abrindo para as ruas do Ouro, Corredoura e Direita, afirmava-se como o centro vital da localidade, local comercial e político por excelência e onde o religioso tocava de perto o profano.

Seguindo-se pelos sobreditos ar-
ruamentos, na rua do Ouro tinha
a Ordem a grande maioria dos
seus prédios urbanos. Estas áre-
as, como nos indica a toponímia
e por comparação com outras
localidades do Portugal Medie-

val, seria pautada pelo mester da ourivesaria, com as suas oficinas e respectivas casas de habitação sobranceiras.

Quanto à Corredoura (rua Hermenegildo Capelo), destinar-se-ia a fazer deslocar os mercados e as suas montadas e cargas por uma via marginal ao núcleo urbano, com percurso pelo lado Este da vila, desembocando no seu extremo Nor-Nordeste. Por fim, a Rua Direita (rua Contra Almirante Jaime Afreixo), zona comercial por excelência, era a via por onde a maioria dos visitantes e vizinhos de Palmela se deslocaria.

Palmela, pela sua localização geográfica, afirma-se como zona de interface comercial em toda a região inter-estuarina do Tejo e Sado. Esta vertente encontra-se plasmada nos seus três Rossios:

* Este artigo tem por base o texto da *Visitação e Tombo de propriedades da Ordem de Santiago de 1510* relativo a esta vila; AN/TT. OS/CP. cod. 151. mfs. 727-727A

um a Norte de S. Pedro, junto à Rua do Ouro, confrontando com a estalagem e com o Reguengo dos Fetais, com ligação à estrada para a Landeira, Rio Frio, Montemor e Évora; um segundo a Nor-Nordeste do Castelo (actual Mata do Castelo), próximo do local onde desembocava a estrada para Setúbal e Alcácer, e com ligação à Corredoura; e, por fim, um terceiro no limite Norte da vila, junto ao chafariz (Largo Marquês de Pombal), na desembocadura das estradas para a Moita e Coina, Alcochete e Lisboa.

Importa frisar que outras estruturas e espaços marcariam fortemente o vínculo urbano de Palmela, nomeadamente os de cariz religioso e assistencial, os ligados a actividades transformadoras e os residenciais. Falamos das ermidas, do hospital, da adega e lagares, da estalagem e do casario comum. No espaço urbano encontramos duas ermidas, de Santa Ana (actual Casa do Benfica), junto à Corredoura, próxima ao Rossio na zona baixa da vila, e a de S. Sebastião (destruída), confrontada com arruamentos de difícil identificação cartográfica, a Rua da Metade e a Rua das Barrocas, também esta próxima ao mencionado chafariz. O Hospital do Espírito Santo (junto à actual Igreja da Misericórdia), encontrava-se em pleno coração da vila, perto dos Paços do Concelho e de S. Pedro. Quanto ao casario, os poucos dados mostram-no alteado, com um sobrado ou meio sobrado, desconhecendo-se divisões internas das habitações e oficinas. Relativamente

à adega e lagares, os da Ordem localizavam-se na encosta Norte do Castelo (actual Arrábida Klub Castelo), junto ao antigo Arrabalde, destinando-se à transformação e armazenamento da azeitona e da uva. Encontramos uma outra adega, do almoxarife da Ordem, situada na Rua Direita.

Assim, a cartografia permite-nos reconstituir um pouco da vivência medieval de Palmela. Um espaço fortemente demarcado pelos imóveis da Ordem, sejam eles o casario comum ou o edificado religioso e militar, espaços de vencimento de foros, de assinatura de contratos, de apregoamento de propriedades e de notícias, de pagamento dos dízimos, de cura das almas, locais de romaria, de procissão e de festa, numa assunção do religioso e do profano, imóveis estes que demarcavam, claramente, as zonas de elite da Palmela Baixo-Medieval. Todos estes aspectos da vila permitem-nos vislumbrar uma localidade de forte pujança comercial, num bolicho diário de mercadores, de vendedeiras e regateiras, numa animação ainda mais potenciada pelo som dos animais que correriam livres pela vila ou que a atravessavam pela mão dos seus donos; uma mescla de cheiros e de cores provindos dos produtos hortícolas, dos lixos urbanos, alguns deles emanados dos monturos, bem como os reflexos do verde e do cromático dos frutos dos quintais e hortas que ocupavam os espaços vazios de edificado.

A Palmela dos finais da Idade Média, mesmo perdendo algum do

protagonismo político para a vila estuarina de Setúbal, manteve o seu forte vínculo agrícola e comercial, permanecendo um local de passagem quase obrigatório na ligação entre a capital, Lisboa, e o *hinterland* sul do Reino.



Vista de Palmela em gravura publicada na revista *Occidente*, 1902

Bibliografia

- FERNANDES, Isabel C. F. – ***O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão***, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2004
- SERRÃO, Vítor, MECO, José – ***Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património artístico concelhio***, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2008

João Tiago dos Santos Costa
Investigador/Bolseiro
CEH - Universidade Nova de Lisboa

nos bastidores...

Núcleo Museológico de Pinhal Novo: resultados de um Inquérito Prévio

O Comité Consultivo do Conselho Internacional dos Museus (ICOM) propõe todos os anos um tema, para que os Museus o possam celebrar, na valorização da sua função e responsabilidade social. Este ano, o tema proposto é “Museus para a Harmonia Social”. A Harmonia, conceito importante para a Humanidade, consiste, no essencial, no diálogo, na tolerância, na coabitação e no desenvolvimento, baseados no pluralismo, na diferença, na competência e na criatividade, cuja base é entender-se, mas distinguir-se, encontrar-se mas conservar a diferença.¹

Este lema não é novo para o Museu Municipal de Palmela, cujo esforço de actuação em conformidade com as exigências da sociedade, se cumpre mediante o estabelecimento de parcerias com outros serviços da Câmara Municipal, como o Observatório Económico e Social. Juntos, desenvolvemos diferentes projectos, tais como a Definição do Programa Museológico, para o qual se encontra em estudo a criação de um núcleo museológico em Pinhal Novo. Por esta razão, quisemos conhecer o sentir

da comunidade, percorrendo o caminho que passamos a partilhar.

Em 2008, definimos que a primeira fase de elaboração do Programa se consubstanciasse na aplicação de um inquérito prévio à população da freguesia, no sentido de apreender as necessidades, vontades, interesses e expectativas relativamente à criação deste espaço. Considerámos que esta metodologia de inquérito possibilitaria o contacto com outras formas de abordagem da realidade cultural e, simultaneamente, permitiria fazer o diagnóstico das necessidades culturais e patrimoniais da população. A aplicação deste instrumento foi encarada como um novo espaço participativo/consultivo, esperando-se que, através deste, a comunidade fosse estimulada a reflectir e a questionar, como formas de apropriação e de proximidade ao Museu.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi estabelecida uma parceria entre serviços da autarquia: a Divisão de Património Cultural e o Observatório Económico e Social, unidade funcional a quem cumpre apoiar metodologicamente acções / projectos

de investigação desta natureza, e que integra o Gabinete de Estudos e Qualidade. No âmbito do projecto de pesquisa esse apoio foi corporizado na concepção do questionário a aplicar para recolha de informação, na definição da amostra a inquirir, na construção da base de dados para carregamento da informação recolhida e na posterior análise estatística.

A partir da população residente em Pinhal Novo, delimitou-se uma amostra de 377 questionários com um nível de confiança² de 95% e uma margem de erro de 5% e procedeu-se à sua estratificação por quotas, com base no escalão etário e no tipo de lugar (lugar com características urbanas e lugar com características rurais), sendo que atribuímos ao lugar de Pinhal Novo a característica urbana e aos restantes lugares a característica rural. No entanto, considerando que a finalidade do projecto seria a auscultação dos munícipes de Pinhal Novo relativamente à criação do futuro Museu Municipal, e não a produção de um estudo com rigor científico, considerou-se que o valor da amostra seria mera-

¹ Para mais informações sobre o Dia Internacional dos Museus, 2010 - “Museus para a Harmonia Social”, consultar o site oficial do Conselho Internacional dos Museus (ICOM): http://icom.museum/doc/imd2010_links.html

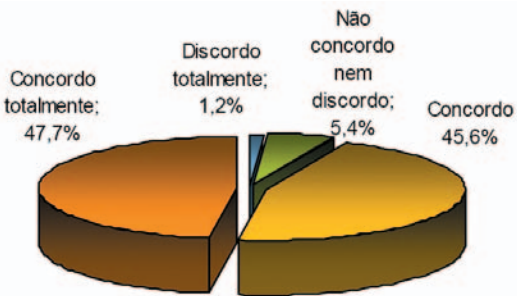
² Significa que se podem generalizar, com uma probabilidade de 95%, os resultados desta amostra para o universo em questão, ou seja, a população residente na freguesia de Pinhal Novo.

mente indicativo, podendo o número efectivo de questionários aplicados vir a ser um pouco menor sem prejuízo dos objectivos do estudo.

Uma primeira experiência no terreno revelou pouca receptividade dos munícipes em colaborar neste trabalho. Delineou-se então uma nova estratégia que consistiu na distribuição do inquérito pelo movimento associativo da freguesia, tendo sido contemplado um momento informal com cada um dos dirigentes associativos, de modo a explicar e enquadrar os objectivos do processo, sensibilizando-os para a importância do mesmo. O questionário esteve também disponível no pavilhão da Câmara Municipal das Festas Populares de Pinhal Novo e, on-line, durante um mês na página digital do Município. Foi aplicado durante 4 meses (finais de Março a final de Julho) e recolhidos 257 exemplares.

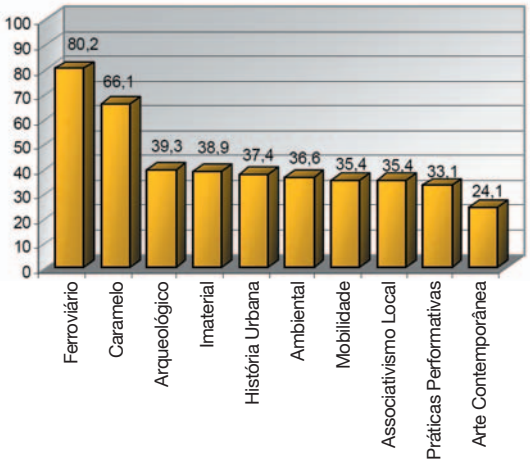
Neste estudo, e sobre a importância da criação de um Museu em Pinhal Novo, 93% dos inquiridos afirmaram concordar (215) e apenas 1% (3 pessoas) revelou discordar totalmente.

Gráfico 1. Grau de concordância face à criação do Museu Municipal de Pinhal Novo (%)



No que diz respeito aos Patrimónios que deveriam estar representados neste futuro espaço museológico, 80,2% dos inquiridos assinalou Património Ferroviário, seguido do Património Caramelo, 66,1%. Com um distanciamento de cerca de 30% estão os restantes temas apresentados por ordem decrescente de importância: Arqueológico, Imaterial, História Urbana, Ambiental, Mobilidade da População, Associativismo Local, Práticas Performativas, Arte Contemporânea.

Gráfico 2. Património(s) a representar no futuro Museu (%)



Finalmente, é de destacar que os inquiridos se mostraram expectantes relativamente à constituição deste espaço cultural, considerando-o como um factor de desenvolvimento local e um instrumento de valorização e de promoção da localidade para o exterior.³

Para além deste estudo, o Gabinete de Estudos e Qualidade apoia também a Divisão de Património Cultural na gestão da seguinte informação:

- Avaliação das acções promovidas pelo Serviço Educativo do Museu – anual;
- Avaliação do “Encontro sobre Ordens Militares” do GEsOS – 4 em 4 anos;
- Avaliação do Curso de Formação sobre Ordens Militares do GEsOS – anual;
- Estudo dos Públicos do Castelo realizado em 2009.

Este trabalho conjunto permite-nos ouvir, conhecer, questionar, adequar e melhorar, tornando a nossa acção mais integrada e consistente. Aproxima-nos da Comunidade que servimos, ou seja, de si!

Cristina Prata

Técnica Superior de História (CMP-DPC)

Sónia Ramos

Técnica Superior de Sociologia (CMP-GEQ)

Teresa Sampaio

Técnica Superior de Antropologia (CMP-DPC)

³ Para maior desenvolvimento sobre este tema consultar: Teresa Sampaio, *A Apropriação do apelativo Caramelo na Construção Identitária do Pinhal Novo*, Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia: Património e Identidades, Lisboa: Instituto Superior do Trabalho e da Empresa, 2009.

património concelhio em Documentos

Danças e Cantares da Festa da Escudeira

Situada na vertente norte da Serra de S. Luís – Vale dos Barris, Palmela –, a Capela da Escudeira, edificada em meados do século XVIII, está integrada na herdade rural – propriedade privada – do mesmo nome e evoca Nossa Senhora da Conceição. A lápide sepulcral de Francisco Fernandes Coelho, fronteira à entrada da capela, de fachada barroca, informa-nos que esta foi por esse Padre fundada. É comum dizer-se que a Festa da Escudeira, romaria anual em honra de Nossa Senhora da Conceição da Escudeira, que durante 4 dias anima o mês de Agosto (ocorre no fim-de-semana mais próximo de 15 de Agosto), é a mais antiga do concelho de Palmela; da herdade pode contemplar-se uma bela paisagem.

A musicóloga e pedagoga Maria Adelaide Rosado Pinto (1913-1997) identificou e publicou cantigas ao desafio e danças de roda recolhidas na Festa da Escudeira.

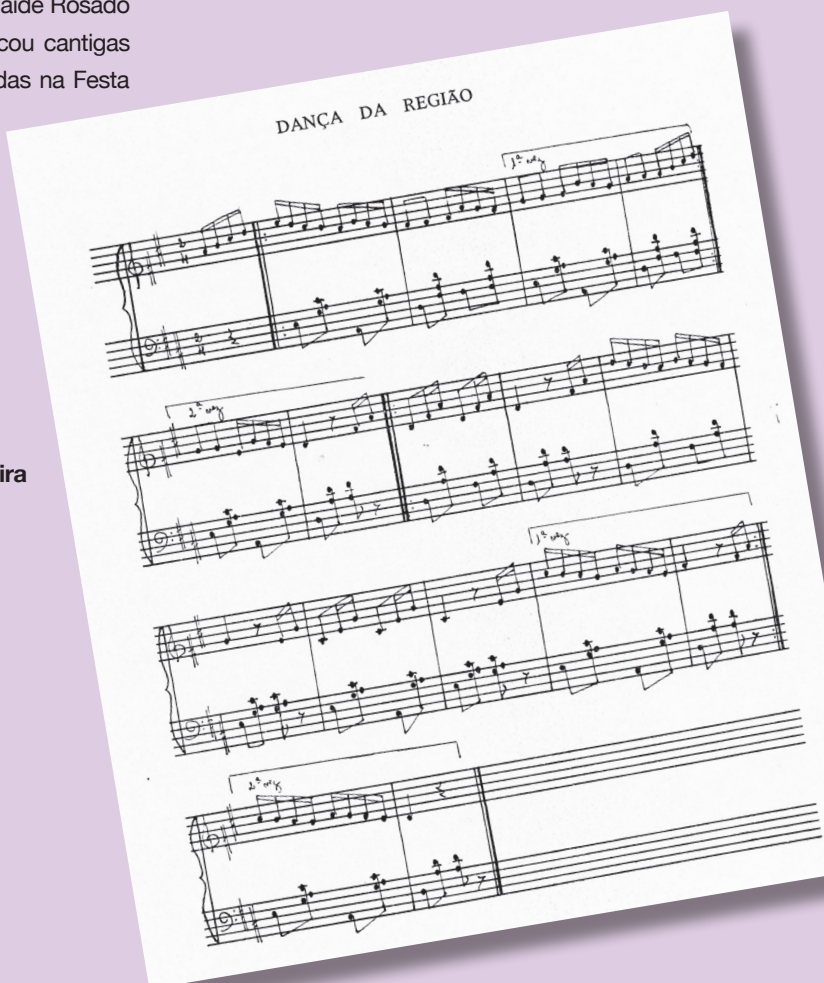
Deixamos aqui uma pauta musical - “Dança da Região” e versos de uma loa dedicada à Senhora da Escudeira, entoados enquanto se entregavam as ofertas na capela.



Loa dedicada à Senhora da Escudeira

Ó Senhora da Escudeira
Remedei este meu mal
Espalha-me sol pela eira
Manda chuva pr'ó nabal.

Sabe ó Virgem, no entanto,
Juro aqui, e não estou só,
Que pr'ó ano cá te pranto
Dois quilos de pão de ló.



PINTO, Maria Adelaide Rosado – *Toadas, Cantares e Danças de Setúbal e sua Região. Factos e Tradições*, Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1971

a não esquecer...

Exposição *Patrimónios* – Centro Histórico da Vila de Palmela



e Conversas de Poial 2010

Patente na Igreja de Santiago do Castelo de Palmela, desde Novembro de 2009, a exposição *Patrimónios: Centro Histórico da Vila de Palmela*, até meados de Maio teve 14 760 visitantes, em grande parte população local que traz amigos e familiares para conhecer, um pouco mais, sobre a vila e sobre as suas histórias de vida.

Para a concepção da exposição, o Museu Municipal contou com a importante colaboração dos moradores do Centro Histórico, que partilharam memórias, informação, peças, fotografias, nas *Conversas de Poial*, ao longo de 2009.

Estas conversas, realizadas em locais distintos do Centro Histórico - aos quais agradecemos terem-nos recebido, como o Café Timóteo (Serafim), Grupo Ausentes do Alentejo, Casa Gama - Associação FIAR - foram subordinadas a diferentes temas: Sociabilidade; Habitabilidade, Arquitectura e Arqueologia.

Por desejo dos participantes e da Câmara Municipal, em 2010 deu-se continuidade ao ciclo: a 9 de Janeiro decorreu na Igreja de Santiago a primeira

Conversa de Poial, tendo como cenário a própria exposição.

A 24 de Setembro, pelas 21h00 no Cine-Teatro S. João terá lugar a conversa “Memórias do Cine-Teatro S. João”.

Outra, sobre a importância do Vinho e das Adegas, terá data divulgada proximamente.

Esperamos contar com a vossa participação!



Conversas de Poial, 9.1.2010,
Igreja de Santiago

Conferências sobre Ordens Militares, em Palmela e Lisboa



CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE ORDENS MILITARES

MAIO A NOVEMBRO DE 2010

21 Maio, 17h00

FCSH/UNL, Edifício I & D, Sala Multiusos 3, Piso 4

Carlos de Ayala Martínez (Universidad Autónoma de Madrid)

«GUERRA SANTA y CRUZADA: El NACIMIENTO de las ORDENES MILITARES»

14 de Junho, 17h00

FCSH/UNL, Edifício I & D, Sala Multiusos 2, Piso 4

Philippe Josserand (Université de Nantes)

«ENTRE DOS FRENTES: APROXIMACION a las EMPRESAS MILITARES de los TEMPARIOS del OCCIDENTE PENINSULAR (SIGLOS XII-XIV)»

17 Setembro, 17h00

Auditório da Biblioteca Municipal de Palmela

Helen Nicholson (Cardiff University)

«SAINTS and WARRIORS: IMAGES of the MILITARY RELIGIOUS ORDERS, 1100-1320»

5 de Novembro, 17h00

Auditório da Biblioteca Municipal de Palmela

Damien Carraz (Université de Clermont-Ferrand)

«Les ORDRES du TEMPLE et de l'HÔPITAL dans les VILLES d'OCCIDENT et de l'ORIENT LATIN (XIII-XIV SIÈCLE)»

26 de Novembro, 17h00

FCSH/UNL, Edifício I & D, Sala Multiusos 2, Piso 4

Pierre Vincent-Claverie (Assemblée National, Paris)

«SOME CONSIDERATIONS about the RELATIONSHIP TIED BETWEEN the PAPACY and the MILITARY ORDERS in the MIDDLE AGES»

sites a consultar acerca do Património Cinematográfico Europeu



Cinemateca Nacional – Museu do Cinema

<http://www.cinemateca.pt/entrada.asp>



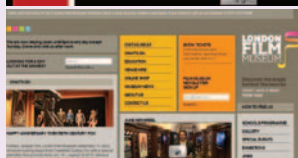
Association des Cinémathèques Européennes

<http://www.acefilm.de/9.html>



Musée Lumière

<http://www.institut-lumiere.org/>



London Film Museum

<http://www.londonfilmmuseum.com>

CADA NÚMERO, UM JOGO...

Tocar e cantar Pifarinho-Pifarol

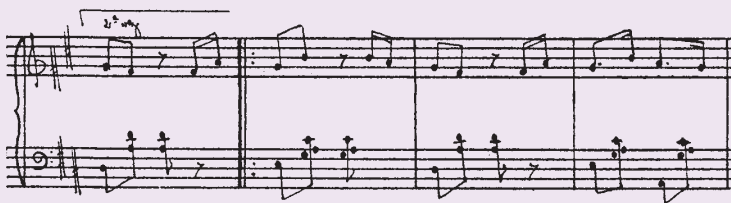
Uma das cantigas recolhidas* na Festa da Escudeira era esta:

com a música e a letra é possível, no próximo Agosto, retomar a tradição!

Pela serra anda um rebanho
Chamas por ele ao sol-pôr
Quem me dera ser ovelha
Do teu rebanho pastor.



Pifarinho
Pifarol
Cantas como
O rouxinol.



Quando passo à tua beira
Cantas para disfarçar
A cantar finges não ver
Que vou ali a passar.



Pifarinho
Pifarol
Cantas como
O rouxinol.

* PINTO, Maria Adelaide Rosado – *Toadas, Cantares e Danças de Setúbal e sua Região. Factos e Tradições*, Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1971

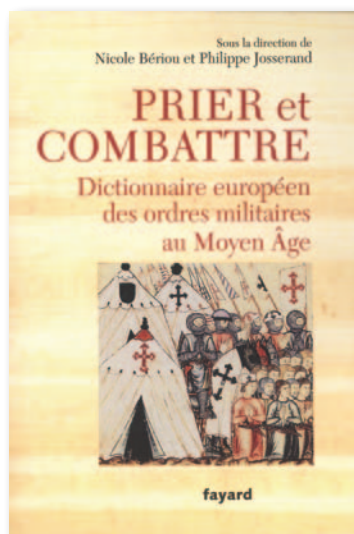
edições em destaque

Fundos documentais especializados
para consulta pública em Palmela

GESOS



FERNANDES, Isabel Cristina F. (Coord.)
– **Ordens Militares e Religiosidade. Homenagem ao Professor José Mattoso** – Palmela: Câmara Municipal/ Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, 2010



AAVV (Direcção de Nicole Bériou et Philippe Josserand) – **Dictionnaire européen des ordres militaires au moyen âge: prier et combattre**, France: Librairie Arthème Fayard, 2009

ATAÍDE, Marta Vaz Pereira Schneeberger de – **Convento e Hospital de Nossa Senhora da Luz em Carnide: estudo histórico – arquitectónico: contribuição para a defesa e valorização do património edificado da Ordem de Cristo.** Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora. (Orientador: Jorge Custódio), Évora: Universidade de Évora, 2010

Museu Municipal



AAVV (Pref. de Vasco d'Avillez) – **A vinha e o vinho em Portugal**, Lisboa: Syngenta/ Verbo, 2006



CAMPOS, Maria Leonor e PRATA, Cristina – **Tabernas em Palmela: um copo de 3... memórias.** Catálogo da exposição, Palmela: Câmara Municipal/ Rota dos Vinhos da Península de Setúbal, 2009



AAVV - **Le patrimoine et au-delà.** Strasbourg: Editions du Conseil de l' Europe, 2009

ÍNDICE

- 1** Editorial
- 2** Em destaque... Cine-Teatro S. João, concretização de um sonho
- 7** Os estuques na decoração de interiores do Cine-Teatro S. João
- 9** Património Local... Resultados dos trabalhos de prospecção geofísica nas grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela
- 11** Em investigação... Aspectos da Paisagem Urbana de Palmela nos Finais da Idade Média
- 13** Nos Bastidores... Núcleo Museológico de Pinhal Novo: resultados de um Inquérito Prévio
- 15** Património Concelhio em documentos... Danças e Cantares da Festa da Escudeira
- 16** A não esquecer... 2º Ciclo de Conversas de Poial e Conferências sobre Ordens Militares
- 18** Sites a consultar... acerca de Património Cinematográfico Europeu
Cada número, um jogo... Tocar Pifarinho-Pifarol
- 19** Edições em destaque... no GEsOS e no Museu Municipal - fundos documentais especializados para consulta pública em Palmela

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 336 640

Fax: 212 336 641

E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: Ana Patrícia Dias, Cristina Prata, João Tiago dos Santos Costa, Maria Teresa Rosendo, Michelle Santos, Miguel Serra, Oscar López Jiménez, Sónia Ramos, Teresa Sampaio

Design: PCB, Comunicação Visual

Fotografia: Adelino Chapa, Museu Municipal, Paulo Alexandre, Paulo Nobre

Impressão: Tipografia Belgráfica

Código de Edição: 394/10 - 3 000 exemplares

ISBN: 927-8497-27-X

Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com a reedição actualizada de um texto, esgotado, publicado pela Câmara Municipal de Palmela com o título *Guia infanto-juvenil do Castelo de Palmela* (edição original de 2003; tiragem 3000 exemplares)